

MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS: UM RELATO A PARTIR DO SUL GAÚCHO*Global Climate Changes: A Report from the South of Rio Grande do Sul*Magayo de Macêdo Alves¹**RELATO PESSOAL**

Sou paraibano. Nascido e criado. No meu estado, a luz solar e o calor são elementos constantes, e, quase sempre, duradouros. Sobre o Rio Grande do Sul, sabia muito pouco. De fato, não conhecia muito mais do que alguns clichês e imagens relacionadas ao ser gaúcho (chimarrão, algumas expressões típicas, e, claro, as baixas temperaturas). O clima, como um todo, vem se mostrando mais desafiador do que antecipei: seja de tempestades com granizo ou enchentes, com uma infinidade de trovões e relâmpagos no meio, o meu dia a dia, e, suspeito que o das demais pessoas residentes no estado, está constantemente sendo impactado de uma forma ou de outra pelo que ocorre do campo atmosférico e ambiental local. Escuto dos nativos que nem sempre foi assim. Na verdade, segundo eles, trata-se de um fenômeno relativamente recente e que, até meados de 2015, não costumava acontecer com tanta força e frequência quanto agora. De quem já estava por aqui em décadas passadas, ouvi relatos sobre verões amenos e rios (localmente chamados de arroios) cheios e propícios ao banho. A impressão é que, cada vez mais, estas realidades vão ficando para trás e dando lugar a uma mais cinzenta e agressiva: são as mudanças climáticas globais fazendo mais vítimas.

Pelotas, onde vivo, é um dos maiores municípios do estado. Com várias opções de entretenimento e educação, é comumente considerada um polo não só para pessoas de outras regiões gaúchas, como as de fora (vide o meu caso), ou até estrangeiros. Dada a sua localização geográfica, em zonas de convergência climática que, costumeiramente, recebem frentes frias, o local como um todo vem sofrendo com efeitos das transformações do clima. De fato, no meu tempo aqui (cerca de um ano), já

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (PPGCPol/UFPel). Bolsista CAPES. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM). E-mail: magaio_n@hotmail.com

testemunhei manifestações severas da natureza: chuvas de granizo, ciclones, tempestades que duraram por dias etc.

Tal como em outras regiões do Rio Grande de Sul, os alagamentos em Pelotas ocorrem com relativa frequência e em vários bairros do município. No meu dia a dia, caminhando, observo que com o aumento prolongado dos dias de chuva, as localidades atingidas tendem a ser afetadas por mais tempo. Há, comumente, uma componente humana associada a tais realidades, no entanto: o lixo. Descartado de forma inadequada, já observei várias vezes que ele acaba entupindo bueiros e galerias em geral de escoamento das águas, prejudicando não somente a passagem de veículos e pedestres, como também favorecendo a transmissão de doenças, tal como se sabe largamente, em tempos de comunicação em massa.

Com os ventos cada vez mais severos e grande quantidade de chuva em um curto período, venho notando também que quedas de energia começam a ocorrer de formas mais pronunciadas. Ocorre que a rede elétrica acaba sofrendo prejuízos em sua infraestrutura, como queda de postes ou fiação, o que, conseqüentemente, priva comunidades inteiras de acesso à energia elétrica até que a situação se normalize. Um destes grupos que tenho relativa familiaridade reside na chamada região de colônias, mais especificamente nos bairros Vila Nova e Bachini. Há algumas semanas, a cidade sofreu com os efeitos de um ciclone. As duas localidades em questão, ainda no ápice do inverno, ficaram sem eletricidade por volta de dez dias (ouvi relatos que apontam para mais de duas semanas). Os moradores foram largados à própria sorte, tanto pelo governo municipal quanto pela empresa concessionária de energia, a qual se limitava a dizer que estava trabalhando para resolver a questão o mais rápido possível. Curiosamente, notei que em bairros com população com maior poder aquisitivo, os transtornos de infraestrutura não duraram uma fração sequer do tempo que moradores de áreas mais periféricas tiveram que aguentar.

Os efeitos do clima na região de Pelotas, como se pode notar, são muitos e afetam as pessoas de diferentes maneiras. Um outro problema diz respeito à queda de árvores no município, em decorrência das fortes chuvas. Em uma das praças mais conhecidas da população local, a praça Coronel Pedro Osório, várias árvores foram ao chão, pondo em risco que passa pelo local. Em bairros mais afastados do centro, ouvi relatos de casos similares ocorrendo. Contudo, assim como no exemplo da energia elétrica, podas e demais serviços de retirada demoraram mais para ser realizados, por parte da prefeitura.

Houve também, como já mencionado, a ocorrência de granizo, não só na região de Pelotas, como em outras partes do estado. Apesar de o fenômeno não ser, por si só, uma característica direta das mudanças climáticas globais, haja vista que existem registros da sua ocorrência por décadas (e, talvez, séculos), a sua frequência e intensidade são. Pessoalmente, nunca o havia presenciado até então. Ouvi de amigos em regiões mais interioranas do estado que lá, o granizo provocou estragos. Enquanto em Pelotas as pedras de gelo foram consideradas relativamente pequenas, fora daqui, foram de tamanho maior e causaram destruição.

Neste cenário, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), publicou em seus veículos de comunicação, avisos e notas, ora suspendendo todas as atividades presenciais em seus campi, ora modificando horários em setores ou para serviços específicos. Um exemplo é seu Restaurante Universitário (RU) no centro da cidade. Como frequentador diário, cheguei a testemunhar dias em que, devido aos fortes ventos, parte do teto do prédio cedeu, levando frio e chuva para o ambiente. Em um momento específico, além da abertura em questão, houve falta de energia, obrigando os servidores e demais funcionários da instituição responsáveis pela administração do RU a organizarem uma fila externa ao local com os alunos (dentre eles, eu) para entregar marmitas e, assim, tentar aumentar a chance de integridade física de todos, uma vez que o prédio se tornou insalubre e com risco de desabamento completo do telhado.

Em outras cidades do estado, no entanto, os danos causados pelas intempéries climáticas foram consideravelmente maiores. De amigos em municípios como Caxias do Sul, Farroupilha e Erechim, ouvi relatos sobre pessoas que perderam tudo, mortes e desaparecimentos, causados por enchentes. A situação, inclusive, foi amplamente noticiada por veículos nacionais e internacionais. Os problemas descritos ainda persistem, e, segundo os cientistas ao redor do globo, tendem a piorar. Disto, já sabemos há décadas. A questão agora, mais do que nunca, é agir. Antes que todos nós paguemos o preço.